

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO.  
ESTUDO PRELIMINAR DA ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO  
DA RELATIONSHIP RATING FORM (RRF)  
PARA A POPULAÇÃO PORTUGUESA

*José de Abreu Afonso & Isabel Leal*

Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde,  
ISPA – Instituto Universitário

O interesse pelas relações próximas arrastou o aumento da investigação sobre o amor romântico em meados dos anos oitenta. Desenvolveram-se as teorizações e surgiram vários instrumentos de medida. Neste trabalho apresentamos a adaptação e validação para a população portuguesa de “The Relationship Rating Form (RRF): A Measure of the Characteristics of Romantic Relationships and Friendships”, que aqui denominamos Formulário de Avaliação da Relação (FAV). O RRF foi criada nesta época para medir a amizade, as relações românticas e o amor.

O amor é vulgarmente visto como o mais profundo e significativo dos sentimentos, ocupando uma posição proeminente nas produções artísticas humanas desde sempre. A maioria das pessoas experimentou-o, mesmo que ocasionalmente. Na actual cultura ocidental a sua associação com a ideia de casamento faz a ligação entre o indivíduo e a estrutura mais básica da sociedade (Rubin, 1970).

Se considerarmos que o amor pode ser conceptualizado e medido independentemente, numa perspectiva de validação de construto teremos de defini-lo, assim como chegar às suas relações com outras variáveis. Uma assumpção inicial para cumprir esta tarefa é assumi-lo como uma atitude levada a cabo por uma pessoa relativamente a alguém particular. Isto implica uma perspectiva mais vasta que aquela que vê o amor como uma emoção, uma necessidade ou um conjunto de comportamentos. A ligação a um objecto particular sugere que podem existir importantes elementos comuns entre as diversas variedades de amor, por exemplo o filial, o marital, o fraternal ou o amor por Deus.

Como nos recordam Bergner, Davis, Saturnus, Walley, e Tyson (in press), para articular um conceito, a tradição na psicologia, desde o trabalho de Rosch (Mervis & Rosch, 1982; Rosch, 1973), têm-se seguido duas vias: a mais antiga, dar uma definição, é a *essencialista*. Coloca as condições universais necessárias e suficientes para o uso correcto do termo. A segunda, observada na maioria dos conceitos do mundo real, não pode ser formalmente definida porque não há um único aspecto que todas as

instâncias desses conceitos tenham em comum (Mervis & Rosch, 1981; Rosch, 1973; Wittgenstein, 1953). Faltam-lhe as condições universais necessárias e suficientes para uma definição formal mas, em contrapartida, há pareências familiares que tornam possível a estruturação de um *protótipo*, semelhanças estas que justificam o uso do termo numa determinada ocasião.

A posição recente da literatura sobre relações próximas é que o amor é um *conceito prototípico* na sua natureza. Isto para o amor em geral e para os seus diferentes subtipos, tais como o amor romântico, o amor companheiro, o amor compassivo. Aron e colaboradores (2006) articulam bem esta posição quando dizem que as controvérsias à volta do significado do amor, e a correspondente diversidade na literatura científica de definições conceptuais e operacionais, é devida á possibilidade de as pessoas vulgares reconhecerem instancias do amor (não conformes com algumas definições formais) pela semelhança familiar com um exemplar prototípico (Bergner, et al., in press).

Hendrick e Hendrick (1989) examinaram cinco abordagens na medição do amor. Apesar das diferenças evidenciadas no seu estudo este sugere muitos pontos em comum entre as diversas perspectivas. Assim consideram: (a) Helen Hatfield, que conduziu investigação sobre a atracção interpessoal, propondo dois tipos de amor: o apaixonado e o companheiro. Focou-se mais tarde no amor apaixonado usando a “Passionate Love Scale” (Hatfield & Sprecher, 1986), procurando a sua ocorrência ao longo da vida, em diferentes culturas e nos dois géneros (Hatfield & Rapson, 1987). Para ela o amor apaixonado é composto de aspectos cognitivos, afectivos e comportamentais marcados por afecto negativo e positivo; (b) Shaver e Hazan, (1987) baseados no trabalho de Bowlby (1969, 1973, 1980) bem como em Ainsworth, Blehar, Waters, e Wall (1978), adaptando o conceito de vinculação infantil ao amor adulto, nos estilos evitante, ansioso-ambivalente e seguro; (c) Sternberg (1986, 1987) com a sua teoria triangular, sugerindo que todos os tipos de amor podem ser compreendidos como construções de três conceitos: intimidade, paixão e compromisso. As diferentes combinações possíveis dão origem a oito classes de amor. Assume uma explicação para os vários fenómenos empíricos do amor e das relações próximas bem como uma moldura integrativa das outras teorias do amar e gostar; (d) Hendrick e Hendrick (1986, 1987, 1988) baseiam a sua posição na teoria do sociólogo John Lee (1973) que propôs uma tipologia dos estilos do amor descrita na literatura popular e nas entrevistas de investigação. Assinala três estilos primários, três secundários e outros

terciários; (e) Davis e os seus colaboradores (1982, 1985), compararam e contrastaram o amor e a amizade usando uma escala primeiramente desenvolvida por Kelling (1979). É justamente no trabalho no deste autor que centramos a nossa atenção.

A noção de amor aqui usada deriva de um corpo empírico e conceptual radicado nas concepções originais de Osório (1997), no âmbito da Psicologia Descritiva. Esta concepção foi validada por Davis (1982, 1985) como enraizada no conjunto de distinções prototípicas que a maioria das pessoas faz quando distingue relações românticas de outro tipo de relações, ou da amizade (Beste, Bergner, & Nauta, 2003).

Davis e Todd (1985) esclarecem: ao mesmo tempo que os cognitivistas desenvolviam a ideia de protótipos, a Psicologia Descritiva (Davis, 1981; Osório, 1966, 1981) desenvolvia a concepção de *caso paradigmático*, para representar um fenómeno comportamental central na vida do dia a dia, mas resistente a uma representação formal.

O procedimento de caso paradigmático é um método para determinar e distinguir casos genuínos daqueles que desejamos excluir. Há dois passos fundamentais: o primeiro tem duas partes – pegar num caso verdadeiro do fenómeno e identificar aquelas características que são pertinentes para a sua categorização como caso; o segundo passo consiste na generalização da lista de características – uma série de transformações é levada a cabo tal como apagar uma dada característica do rol. Com efeito, uma transformação é qualquer mudança na lista de que produza outros casos do fenómeno. A transformação pode prosseguir até se tenham gerado todos os casos de interesse, e apenas esses casos. É necessário sublinhar que a lista não é a das condições necessárias e suficientes para aplicação do termo ou conceito em causa, por exemplo o amor. Isso seria demasiado idealista e restritivo. O caso paradigmático arquetípico é um caso sem constrangimentos por limitações pessoais ou por factos. Quando estes constrangimentos se fazem sentir o amor encontrado na vida real poderá diferenciar-se do caso ideal, não só em grau mas até ao ponto de não ter uma ou mais características do rol do arquetipo.

A transformação é então a mudança de uma ou mais características do paradigma que resulta num caso que ainda serve de exemplo, algumas vezes como caso limite. A mais simples transformação é a eliminação de uma característica mas o caso mais útil é uma redução significativa no seu grau ou valor. Outra transformação possível é a especificação de um dado domínio do caso (Davis & Todd, 1985).

A partir deste corpo teórico, que sustenta a construção do nosso instrumento, um *caso paradigmático* ou *ideal* foi desenvolvido, incorporando todos os aspectos relevantes que um caso real de amor deve ter. Usar um protótipo pode ser útil porque nos oferece um padrão a partir do qual podemos observar os amantes e as relações de amor reais. Ainda que raramente vejamos o preenchimento de todas as condições numa relação concreta, a sua existência permite-nos perceber o que está faltando num dado relacionamento (Beste, Bergner, & Nauta, 2003).

Uma palavra ainda para justificar o interesse da tradução, adaptação e validação para a população portuguesa da RRF. Como assinalam Beste et al. (2003) a formulação de amor usada neste questionário poder ser útil aos terapeutas familiares como um modelo diagnóstico para avaliação de relacionamentos, permitindo por exemplo evidenciar áreas de fraqueza e determinar áreas de força em relações, ou mostrar em que zona um indivíduo pode ter limitações na sua capacidade de amar.

Será também mais um instrumento posto à disposição dos investigadores portugueses que se dedicam ao estudo das relações próximas e das relações amorosas.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram 444 sujeitos, 222 casais heterossexuais, 157 casados e 65 a viverem em união de facto.

As mulheres são ligeiramente mais novas do que os homens (em média cerca de 3 anos), com idades entre os 20 e os 80 anos, sendo a média (arredondada) de 42. Nos homens a idade oscila entre os 19 e os 82 anos sendo a média de 45. Relativamente às habilitações literárias predomina o ensino secundário e a licenciatura em ambos os sexos.

O tempo de união dos casais que estão casados é superior ao dos casais que vivem em união de facto: os casados estão juntos em média há 21 anos, enquanto os que vivem em união de facto coabitam em média há 7 anos. A dispersão em torno da média deste último grupo é bastante elevada. Relativamente à existência de filhos também se verificam diferenças entre os dois grupos: a maioria dos casados tem filhos (88,5%), sendo essa percentagem de apenas 35,4% nos casais que vivem em união de facto.

O número de filhos é mais elevado no grupo dos casados (média de 2 filhos, sendo a dispersão bastante elevada, dado haver 4 casais com mais de 3 filhos). Já no grupo que vive em união de facto a média é de um filho (a grande maioria tem 1 filho, havendo apenas 4 casais que têm mais do que 1 filho: 3 casais com 2 filhos e 1 casal com 3 filhos).

### *Material*

A escala RRF é composta por 65 itens organizados em 7 escalas, 6 das quais, constituídas por sub-escalas (ver Quadro 1).

As características das relações românticas medidas pelo instrumento correspondem a cada uma das escalas globais que são: (1) “Viability”, (2) “Intimacy”, (3) “Passion”, (4) “Care”, (5) “Global satisfaction”, (6) “Conflict/ambivalence” (7) “Commitment”. As sub-escalas, por sua vez, medem 20 facetas das relações. Assim, a Escala Global “Viability” abrange três aspectos distintos: “Acceptance/tolerance”, “Respect” e “Trust”, a Escala Global “Intimacy” organiza-se nas dimensões “Confiding” e “Understanding”, a Escala Global “Passion” inclui “Fascination”, “Exclusiveness” e “Sexual intimacy”, a Escala Global “Care” engloba “Giving the utmost”, “Championing” e “Assistance”, a Escala “Global satisfaction” abarca “Success”, “Enjoyment”, “Reciprocity” e “Esteem”, a Escala Global “Conflict/ambivalence” mede precisamente os dois aspectos contidos no seu nome. A Escala Global “Commitment” é a única que não tem sub-escalas. Há ainda 10 itens que não se integram nestas sete Escalas Globais: “Maintenance” (3 itens), “Coercion” (2 itens) e “Equality” (1 item).

A resposta é dada em 9 pontos: 1 – Nada, 2 – Muito pouco, 3 – Pouco/raramente, 4 – Levemente/Não frequentemente, 5 – Razoavelmente, 6 – Bastante, 7 – Muito, 8 – Muitíssimo/quase sempre, 9 – Completamente/extremamente.

Os autores estudaram ao nível da fidelidade, a consistência interna da escala utilizando para isso o Alpha de Cronbach Estudaram também a estabilidade temporal usando o método teste/reteste. Os Alphas das escalas globais variam entre 0,73 e 0,90 e os coeficientes de correlação do teste reteste entre 0,68 e 0,82. Os alphas das sub-escalas são quase todos superiores a 0,60 e os que não são aproximam-se desse valor.

Diversos aspectos da validade foram explorados. Davis (1996) cita vários estudos: a validade de conteúdo foi explorada usando amostras de estudantes que ajuizavam o grau em que os itens cabiam nas definições conceptuais pretendidas. Grupos de pessoas avaliaram também o grau em que as relações com os seus amigos, amantes, esposos, ou parceiros

tinham as características referidas no RRF (Davis & Todd, 1982, 1985). Expectativas das diferenças entre amigos e amantes em aspectos como o grau de intimidade, o grau de fascínio, os sentimentos de exclusividade, e o desejo de intimidade sexual foram suportadas pela investigação. Estudos adicionais trataram da traição da amizade e das suas consequências para o relacionamento. O uso das características do relacionamento como medida do suporte social percebido foi explorado por Brown (1983). Diferentes estudos (Davis, Kirkpatrick, Levy, & O’Hearn, 1994; Davis, Todd, & Denny, 1988) mostram ainda que as escalas globais prevêm a estabilidade longitudinal da satisfação e do relacionamento.

## RESULTADOS

No sentido de se validar a escala RRF para a população portuguesa, depois do processo de tradução/retroversão/tradução, passou-se a escala aos 222 casais (444 sujeitos) da amostra descrita.

A validade de construto foi estudada recorrendo-se a Análises factoriais. Foi utilizado o método “medida da adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin” proposta por Kaiser (1970) e Kaiser e Rice (1974) para verificar se era viável usar uma análise factorial nos nossos dados. Ainda que não exista um teste rigoroso para os valores de KMO, genericamente podem ser classificados da seguinte forma (Pestana & Gajreiro 2000):  $\leq 0,50$  – Inaceitável,] 0,50-0,60] – Mau mas ainda assim aceitável,] 0,60-0,70] – Mediocre,] 0,70-0,80] – Média,] 0,80-0,90] – Boa,] 0,90-1,00] – Excelente. O KMO obtido foi de 0,96, o que permitiu o recurso a análise em componentes principais com rotação oblíqua.

A análise factorial não confirmou uma estrutura factorial com 7 factores coincidente com a encontrada pelo autor. A variância explicada pelo total dos factores é de 64,69% e o estudo da consistência interna feita aos factores encontrados revelou Alphas elevados (acima de 0,80) e aceitáveis (entre 0,63 e 0,77).

Na escolha dos itens para cada factor seguiu-se os seguintes critérios: 1º – Coeficiente de saturação (“Factor Loading”) superior a 0,50 num factor; 2º – A diferença entre os coeficientes de saturação dos dois factores ter um valor igual ou superior a 0,10.

Além das Análises factoriais efectuaram-se também correlações dos itens com o total do factor a que pertencem, averiguando se as correlações eram superiores a 0,40.

Os itens que se propõe eliminar não saturam em nenhum factor acima de 0,50 ou saturam em mais do que um factor acima de 0,50 tendo uma diferença de factor loading inferior a 0,10.

Quadro 1

*Variância explicada e Alpha de Cronbach dos factores*

Factores	Itens	Variância Explicada	Alpha de Cronbach
Factor 1	1, 7, 8, 13, 22, 29, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 51, 52, 59, 60, 61	47,64%	0,95
Factor 2	4, 6, 11, 12, 15, 16, 18, 54, 55, 58	5,69%	0,90
Factor 3	32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39	2,71%	0,93
Factor 4	9, 14, 25, 47, 49, 62, 64, 65	2,51%	0,87
Factor 5	2, 21, 23	2,17%	0,63
Factor 6	17, 19, 20	1,99%	0,77
Factor 7	66, 67	1,98%	0,85
Total		64,69%	0,93
Itens eliminados	3, 5, 10, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 45, 48, 50, 53, 56, 57, 63, 68		

Usámos os factores distinguidos pela análise ortogonal, retendo a solução para sete factores, pedindo-se depois a alunos universitários e a pessoas comuns que indicassem quais os conceitos relevantes por trás dos itens, solicitando uma pequena narrativa. Usamos também este procedimento com psicoterapeutas.

Não quisemos deixar os resultados finais baseados apenas na análise factorial. Decidimos, no factor 1 agrupar os itens em sub-escalas, procedendo do mesmo modo para os factores 2, 3 e 4. Os critérios que presidiram ao agrupamento dos itens em sub-escalas foram conceptuais e clinicamente relevantes, de acordo com a nossa experiência e a de colegas psicoterapeutas. Além disto, muitas correspondiam, *grosso modo*, a sub-escalas já existentes na RRF original.

O interesse para a investigação deste instrumento guia-nos no refinamento do instrumento que continuamos a trabalhar.

## REFERÊNCIAS

- Beste, S., Bergner, R., & Nauta, M. (2003). What keeps love alive? An empirical investigation. *Family Therapy*, 30, 125-141.
- Davis, K.E., & Todd, M.J. (1985). Assessing friendship: Prototypes, paradigm cases and relationship description. In S. Duck & D. Perlman (Eds.), *Understanding Personal Relationships*. London: Sage publications.

- Hendrick, C., Hendrick, S.S. (1989) Research on Love: Does It Measure Up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(5), 784-794
- Kaiser, H.F. (1970). A second generations little Jiffy. *Psychometrika*, 35, 401-415.
- Kaiser, H.F., & Rice, J. (1974). A little Jiffy Mark IV. *Educational and Psychological Measurement*, 34, 111-117
- Pestana, M.H., & Gajairo, J.N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.